



6º Simposio de Ensino de Graduação

PALAVRA POSTA EM PAUTA

Autor(es)

LIDIA VARELA SENDIN

Orientador(es)

JOSÉ LIMA JUNIOR

1. Introdução

Tendo como motivo a palavra, procuro colocar em imaginária pauta uma visão, mais poética do que filosófica, de alguns pensadores como Platão, Schopenhauer e Nietzsche, sempre tendo como foco mais importante nesse discurso a construção da morada do ser, como habitação poética, em Heidegger. Para saber que a palavra poética continua sendo colocada na pauta, cito também alguns poetas atuais, que certamente nunca deixarão morrer a poesia.

2. Objetivos

O objetivo é apenas poetar tentando filosofar, ou vice-versa, sobre o objeto da escrita: a palavra. É lutando com ela, tentando colocá-la em ordem, ou desordem, conforme seu gosto ou imaginação, que o poeta reflete sobre a palavra, torna-se amigo dela (philo), faz dela seu saber (sophía), pois, consciente de que perderá a luta, deixa-se levar nos braços da musa e espera o nascer mágico da poesia.

3. Desenvolvimento

POSICIONANDO A PALAVRA

Colho a palavra
Na labuta ela é a fruta
Que a idéia lavra

A palavra posta na pauta...é um refúgio do pensar, onde posso ler e reler meus rascunhos em gestação; a palavra falada me assusta. Ela não tem rascunho. Há que ter muito cuidado...e muita coragem para sair da cômoda segurança das entrelinhas.

A poesia é como a escultura que sai da pedra bruta. O artesão da palavra é o poeta, que pode usar o duplo sentido, o segundo sentido, o mais belo sentido. A palavra metafórica é matéria prima para os poetas e para a confraria das letras.

O enganar poético, metáfora, fingimento, mundo dentro do mundo, pecado sem punição, isto é palavra fingida, ponho entre aspas e vale tudo. Separo e enfatizo. Uso substantivo como adjetivo, subverto a língua num abuso ortográfico.

As palavras não pertencem a ninguém em especial, elas pertencem ao Homem, à Cultura. Por isso, o filosofar não pode ser exclusividade de um povo, assim como o poetar, feito de palavras, tem sua própria lógica que, se não propõe conceitos como a filosofia, espalha sentido e emoção. A palavra é democrática na colheita, mas na produção ou benfeitorias, necessita agregação da cultura, das características de um povo, da sua historicidade.

A constatação de que não pode haver posse, direito sobre as palavras, ou melhor, sobre aquilo que vai humanizar o homem, de modo que este direito pertence a todos indistintamente....E, é o filósofo, entre os homens, aquele que faz deste instrumento a virtude de sua existência.

(LEOPOLDO ZEA,1994:17 apud TONGU, E.A.S.)

Arquitetura, escultura, música: sua essência é a Poesia...A poesia é apenas um jeito luminoso do projetar-se da verdade....(HEIDEGGER,1971:112)

No dever, a palavra determina a ação, na lei a palavra impede a ação, mas na poesia a palavra é o pincel e as idéias a tinta. O pintor põe sua obra da tela, o poeta põe seu poema na pauta.

Estou aqui para um maravilhado estranhamento diante desses pequenos signos que posciono na pauta, visível ou virtual como esta, porque me intriga esse jogo entre palavras e coisas, esse uso pactuado pela vida afora.

As palavras, 'escreveu Wittgenstein', só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto, sendo no uso que ele ganha seu sopro vital.

(COSTA, 2003:38)

Ainda assim me espanto quando vejo que alguém usou na ciência, que pretende estabelecer relações fixas da palavra com a realidade, a mesma palavra que o poeta usa metaforicamente em seu poema. Flexível, manipulável e dada a muitos usos e costumes, é na pauta que ela encontra descanso, seja na prisão da ciência, na perplexidade da filosofia ou na metáfora de um poema.

Palavras

Desconcertadas

Embaralhadas

Presas na mente

Inconseqüentes...

...Em poucos traços

Preencho espaços

Da branca folha

Não tenho escolha

Não há saída

Saem do léu
Ganhando vida

Vão pro papel.

PALAVRA DE PENSADOR

Pensador pensa a palavra,
Fruto da sabedoria.
Se com ela luta trava,
Vem com ela a poesia.

A história da palavra tem muitos autores. Da palavra escrita o que se tem de mais antigo são os desenhos encontrados em cavernas da pré-história. Imagina-se que tais desenhos pudessem ter algum significado épico ou poético. Relevando muita coisa que não intento esgotar, começarei com Platão e suas dúvidas sobre a importância da poesia. Passo logo para Schopenhauer por escolha pessoal, sabendo que muitos outros pensadores também se detiveram no estudo da palavra e não serão mencionados. Em Nietzsche busquei contestação e encontrei um poeta. Mas será em Heidegger que tentarei encontrar a palavra poética que constrói nosso ser com arte.

4. Resultado e Discussão

PALAVRAS EM GESTAÇÃO: o feitiço da poesia

No princípio era o caos
Em toda parte:
Sem noite, sem dia.
E disse o criador:
Haja arte:
E (h)ouve poesia.

Na poesia o fundamental é...a poesia.
(CHALHUB,2003:34)

Muitos foram (e ainda são) os poetas que nutriram essa gestação poética da harmonia, com rimas ou sem, com métrica ou livres. Os versos soltos foram arrebanhados por eles e colocados em redis para a contemplação dos seus adeptos.

A poesia nasce de uma gravidez solitária, por uma misteriosa concepção. Essa gestação tem seu ritmo próprio, não segue luas, não se apressa e não pode ser abortada, amadurece tranquila. É o rebento que

nasce do contato com o sublime.

Essa gestação mágica, da qual brota a natureza ambígua da poesia, dá conta de suas contradições; um único verso pode conter o riso e o pranto. Pode-se falar com métrica da incomensurável morte, ou imprimir ritmo a uma descompassada maneira de viver.

Roubada do lugar comum, a palavra nasce atemporal, enfeitiçada. Fruto da inspiração estética da alma do poeta, torna-se arte.(...) daquelas em que a ruptura com a percepção cega do presente levou a palavra a escrever o passado mítico, os subterrâneos do sonho ou a imagem do futuro. (BOSI,2000:227)

Sem se subordinar à lógica, sentido ou explicação, já que se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida. (ANDRADE,1997:95), a poesia é um coquetel colorido, perfumado e relaxante, feito essencialmente de palavra, sonhos e imaginação. As palavras e a forma com que são colocadas são o fundamento da poesia. Elas têm de ser bonitas de olhar, têm de saltar e cantar à nossa frente. Se está escrito rosa, você vê a rosa, sente seu perfume, toca o veludo de suas pétalas e se extasia com sua beleza. É o pico de uma sensação estética.

Ela, a poesia, não tem obrigação de dizer nada, tem de fazer sentir tudo. Tem de chegar de mansinho – invadir sua alma – estremecer seu corpo, abalar seu coração. E mais, fazer o outro sentir tudo isso também, sem saber o porquê, pois a poesia não precisa ser explicada e sim, sentida; a finalidade dela é ela mesma.

5. Considerações Finais

PALAVRAS FINAIS

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã
(...)Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
Sem maior proveito
que o da caça ao vento.
(ANDRADE, 1983:172-173)

Não procuro concluir, porquanto esta não é a finalidade da reflexão poético-filosófica, mas apenas me ater a considerações sobre o espanto filosófico que perpassa a obra de tantos pensadores que também se “desviaram” e tentaram desvelar os mistérios dessa dupla mentira que a palavra-metáfora nos apresenta,

brincando de esconde-esconde enquanto vez ou outra nos mostra o delicioso fruto da reflexão.

Porém, não posso deixar de lado as reflexões sobre a palavra em O Arco e a Lira, de Octavio Paz (1914 - 1998), que nos alertam para o fato de que o poema é uma obra inacabada, cada leitor vai vivê-lo a seu modo (PAZ, 1982:234), a poesia é a procura dos outros, descoberta da outridade. (idem:319)

A palavra, segundo Edgard Morin (1921-), pode ser usada em dois estados: racional ou prosaico e mítico ou poético. O objetivo da poesia seria colocar o homem no segundo estado. O fim da poesia é o de nos colocar em estado poético. (MORIN, 2005:43).

Apesar das possíveis semelhanças entre filosofia e poesia, são dois pólos de pensamento que não podem ser reduzidos em um só (CÍCERO, 2004:27),

enquanto o valor da poesia não é dado pelo que fale sobre coisa alguma, o valor do discurso filosófico está no que fale sobre as coisas, ainda que a coisa de que fale seja a própria filosofia. (idem:26)

Sem precisar falar sobre alguma coisa, não será necessário chegar a conclusão alguma, porque Investigar a palavra exige que se deixe a questão em aberto.(GMEINER, 1998:54)

Portanto, acredito que não haja o que concluir sobre o que é matriz, o que revela, guarda e nutre o Ser, o que nos torna eternos alunos e escravos. A questão mal começou.

A poesia vem do espanto,
Do sabor da descoberta.
Canto a paz, a guerra canto,
Sem saber a razão certa.
Reflito e num lampejo
Penso ter sabedoria,
Mas só fico no desejo:
O que nasce é poesia.

Referências Bibliográficas

BIBLIOGRAFIA

ABRÃO, Bernardette Siqueira, (org) História da Filosofia, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ALVES, Rubem. Livro Sem Fim. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 2002

ALVES, Rubem. Lições de Feitiçaria – Meditações sobre a Poesia. São Paulo: Loyola, 2003

ANDRADE, Carlos Drummond.Corpo, Novos Poemas. 13ª. ed. São Paulo: Record, 1997

_____.DRUMMOND-Antologia Poética. 18ª. ed. Rio de Janeiro:José Olympio, 1983

- BARROS, Manoel de. Livro Sobre Nada. 5ª. Ed. Rio de Janeiro:1997
- BOSI, Alfredo. O Ser e o Tempo da Poesia., 6ª. ed. São Paulo:Companhia das Letras,2000
- CHALHUB, Samira. Funções da Linguagem. São Paulo: Ática, 2003
- CÍCERO, Antonio. Poesia e Filosofia, in: Literatura e Filosofia – Diálogos, org Evandro Nascimento e Maria Clara Castellões de Oliveira, São Paulo: Imprensa Oficial, 2004
- COSTA, Cláudio. Filosofia da Linguagem. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 2003.
- EDMONDS, David & John Eidnow. O Atiçador de Wittgeinstein. Rio Janeiro: Difel, 2003
- GMEINER, Conceição Neves. “Arte, Linguagem e Poesia”, in: A Morada do Ser. Santos, São Paulo: Leopoldianum, 1998
- GÓES, Fred e Álvaro Marins. Paulo Leminski-Seleção de Melhores Poemas. 6ª. ed. São Paulo:Global, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. “A Linguagem na Poesia”, in: A Caminho da Linguagem. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- _____. Arte y Poesia. Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.
- _____. O que é isto a Filosofia?, São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), 2005.
- _____. Sobre o Humanismo, Introd., Trad. e Notas de Emmanuel Carneiro Leão, 2ª. ed, Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1995
- JAEGER, Werner. Paidéia – A formação do Homem Grego. 4ª. ed. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- MEIRELES, Cecília. Antologia Poética. 3ª.ed Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 2001.
- MORAIS, Vinícius. O Poeta Aprendiz, in: Para Viver Um Grande Amor. São Paulo. Círculo do Livro, 1988.
- MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. Trad Edgard de Assis Carvalho. 7ª. ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil,2005
- MOSÉ, Viviane. Nietzsche e a grande política da linguagem, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2005.
- NERUDA, Pablo. Prólogos, seleção de Arturo Infante Reñasco, trad. Thiago de Mello. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra, São Paulo: Martin Claret, 2004.
- _____. Quatro Poemas in: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- NUNES, Benedito. Passagem para o Poético. São Paulo: Ática ,1992.
- _____. HEIDEGGER & Ser e Tempo. Rio Janeiro: Zahar, 2002
- PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. Trad Olga Savary. 2ª. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982 (Coleção Logos)

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Fernando Pessoa, Aquém do eu, Além dos Outros, São Paulo, Martins Fontes: 2001.

PESSOA, Fernando. O Eu profundo e os outros Eus, seleção editorial Afrânio Coutinho e estudo crítico biográfico por Maria Aliete Galhoz, 20ª. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1980.

_____. Poemas, Seleção e organização de Cleonice Berardinelli, 18ª. Impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1985.

_____. O Guardador de Rebanhos e outros poemas, Seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. Livro do Desassossego, composto por Bernardo Soares e org. por Richard Zenith, 2ª.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999

SKÁRMETA, Antonio. O Carteiro e o Poeta. 19ª. Ed trad. Beatriz Sidou, Rio de Janeiro: Record, 2002

SHOPENHAUER, Arthur. Sobre a Arte Poética, in: A Metafísica do Belo. Trad Jair Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

TONGU, Érica A.S. Filosofia sem mais... <http://www.hottopos.com/videtur/erica.htm>, acesso em 13.02.2006.